

Memória de dez anos:

os anos 70

Marcos Del Roio

Como citar: ROIO, M. D. Memória de dez anos: os anos 70. In : VIEIRA, R. D. L. (org.). **Ecos da ditadura na sociedade brasileira (1964-2014)**. Marília: Oficina Universitária; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2014. p.25-39. DOI: <https://doi.org/10.36311/2014.978-85-7983-573-5.p25-39>



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a Creative Commons Attribution-NonCommercial-NoDerivatives 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia Creative Commons Reconocimiento-No comercial-Sin derivados 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

MEMÓRIA DE DEZ ANOS: OS ANOS 70

Marcos Del Roio

Os anos 70 começam para mim com a novidade do curso colegial. De fato, os governantes haviam acabado com os antigos ciclos denominados de Científico, Clássico e Normal. No Colegial haveria apenas as ênfases em Ciências Exatas, Biológicas ou Humanas. No entanto, no tradicional Instituto Estadual de Educação Cásper Líbero de Bragança Paulista, minha cidade de origem e onde eu estudava, não foi apresentada a variante de Ciências Humanas e tive que fazer Biologia.

Com menos de 15 anos sabia eu algo da política brasileira, da ditadura militar? Na verdade tinha apenas informações esparsas e sentimentos confusos. Sabia que por razões políticas meu irmão mais velho encontrava-se no exterior, assim como minha cunhada, mas sem saber onde. Ambos haviam saído do Brasil em 1968, em momentos diferentes. Na cidade havia pessoas um pouco mais velhas que haviam sido detidas em 1964 ou mesmo depois e que falavam muito discretamente e quase em voz sussurrante sobre os militares. Na escola algumas bombas foram detonadas, assim como pixadas algumas paredes com “abaixo o imperialismo”, tendo-se sabido depois que por estudantes do 3º ano.

Os estudos formais nos anos do colégio, não muito sedutores, e que se arrastaram até 1972, ocupavam apenas uma parte do meu tempo, que era dividido com paixão pelo futebol e com leituras intensas de esoterismo, filosofia, história, arqueologia, história natural, psicologia. Autores que me encantavam nesse tempo de busca por algum horizonte eram Sartre, Nietzsche, Jung e depois Marx. Leituras difíceis, provavelmente mal digeridas. A primeira leitura de Marx que fiz foi o *Manuscritos filosóficos*, numa edição que trazia a apresentação de Erich Fromm, outro autor do qual li alguns livros. Nunca me apaixonei pela literatura brasileira e preferia ler Aldous Huxley ou Hermann Hesse, mesmo Kafka. Alguns livros haviam sido deixados por meu irmão e por minha cunhada, escondidos no porão da casa de uma tia. Resgatei esses livros e alguns autores se apresentaram a partir daí, como Gramsci, Florestan Fernandes (os quais não li naquele então). Em 1971 comprei o disco Construção, de Chico Buarque.

Em fevereiro de 1972 estava para começar o último ano do colegial, quando li no jornal sobre a morte de minha cunhada em confronto com a polícia. Foi um choque para mim, mas bem mais forte foi o que atingiu minha mãe, que a partir de então só teve a angústia aumentada pela falta de notícia do filho mais velho. Esse fato e os cartazes sobre os subversivos procurados aumentaram muito a minha consciência sobre a ditadura. De outra parte, eu, que era apaixonado por política internacional (que dividia com o caderno de esportes a minha leitura matinal do jornal) já tinha assumida a minha posição na guerra fria fazia bastante tempo, com particular destaque para a “corrida espacial”. Meu interesse e admiração pela URSS vinha da guerra contra o nazi fascismo e da corrida espacial, muito mais do que da revolução de 1917.

Chegava o fim do colegial e teria que decidir sobre o curso de Graduação que deveria seguir. Ainda que gostasse muito de Geografia e História, pensei em Geologia e Biologia, mas a Genética me afastou dessa opção e fiquei limitado à escolha entre Ciências Sociais (Antropologia, na verdade) e História, tendo deixado de lado também a Geografia. Acabei por fazer o Vestibular pelo CESCEA, que organizava os processos seletivos da grande área de Humanidades e fui aprovado para o curso de História na FFLCH da USP. O MAPOFEI fazia o vestibular das Exatas e o CESCEN das Biológicas. Lembro que ainda nesse fim de ano assisti a um show de

Milton Nascimento e Alaíde Costa no Teatro Municipal da São Paulo, junto com os colegas com quem montaria a “república” para o ano de 1973. Os anos seguintes passei ouvindo o Clube de Esquina.

II

Em março de 1973 começava o meu curso de Graduação em História e também a adaptação à universidade e à vida paulistana. As primeiras semanas foram assustadoras e intensas, com a nova vida na república, com o conhecimento dos colegas, o trote, o contato com os professores, as primeiras leituras. O verdadeiro impacto, porém, veio no final do mês com a notícia do assassinato pela polícia política de um calouro do curso de Geologia, um rapaz de Sorocaba de nome Alexandre Vanucchi Filho. Foi assim que a ditadura militar se apresentou sem máscara e sem retoque para mim e exigiu uma oposição mais ativa.

Na semana seguinte foi realizada a missa de 7º dia na Praça da Sé. A Arquidiocese de São Paulo passara definitivamente para a oposição ao regime dos militares e nesse mesmo ano de 1973 organizara o Movimento contra a carestia. Os estudantes da USP, num ato de audácia para aquele momento em que a ditadura acabara de exterminar a guerrilha urbana, decidiram-se por participar na Missa como protesto político. Com muito temor, cerca de 3 mil estudantes (pelo que se disse a época) compareceram no templo da Praça da Sé e eu entre eles.

O resto do ano transcorreu tranquilo com estudos de história antiga e medieval, mas também com as leituras paralelas de temas dos quais gostava, como psicologia, antropologia, arqueologia, além da música dos Secos & Molhados. O que aqueceu as discussões entre os estudantes foi a conjuntura política no Chile. Já no mês de junho acontecia uma tentativa de golpe militar contra o Governo da Unidade Popular. Lembrava-se então que um golpe militar contrarrevolucionário havia ocorrido na Bolívia em 1971 e no Uruguai em 1972. Em 11 de setembro de 1973, caminhava de volta para casa quando encontrei um dos colegas da “república” que me disse afobado “Allende caiu”. Quase cai em prantos e fui tentar conseguir

mais informações no rádio (não tínhamos TV em casa). Os dias e semanas seguintes foram ocupados pelos acontecimentos chilenos.

O hábito de cabular aulas para ir ao cinema começava a se implantar. Filmes italianos de Visconti, Antonioni, Fellini, do sueco Bergman, de vários cineastas europeus atraíam muito. A música de Led Zeppelin, Yes e Pink Floyd acompanhavam os dias na república, mas também Vivaldi, Beethoven, Bach, Mozart, Wagner. Festas na Faculdade ou em alguma república também começaram a fazer parte do cotidiano, assim como música e literatura da América Latina ganhavam bastante espaço. De fato, a resistência à ditadura militar, impedida de ser abertamente política, assumia um caráter cultural e de costumes. O cinema, o teatro, a música, festas com a presença de drogas leves, tudo se canalizava contra a ordem imposta pelas botinas dos militares, pelo menos era o que se imaginava. Inda mais porque se sabia que estavam presentes espíões e delatores.

No começo de 1974, assisti a uma palestra de Florestan Fernandes nos “barracos” das Ciências Sociais. Lembro-me da afirmação do grande sociólogo de que seria mais fácil o fim da ditadura no Brasil do que em Portugal. Em abril, dia 25, começava a revolução dos cravos em Portugal. A dor e a frustração pelo fim da experiência chilena parecia agora ter encontrado um bom paliativo na revolução em Portugal e na África colonizada por Portugal. Durante 1974 e 1975 a situação no mundo luso foi de grande interesse, assim como foi o recuo americano no Vietnã, que acabou com a debandada de 1975.

No 2º ano da Faculdade, pensei em abandonar, mas não tinha certeza do que fazer em alternativa. Decidi então que faria o curso o mais rápido possível e depois faria algo que me endereçasse para Arqueologia / Antropologia. As disciplinas desse ano estavam centradas na História Moderna e não me atraíam muito naquele momento. Os shows de Mercedes Sosa e de Milton Nascimento, na ágora vizinha ao prédio da administração da FFLCH marcaram o ano. A capa do disco Geraes de Milton Nascimento traz uma foto do público daquele show. Em algum momento ocorreu também o show de Paulo Cesar Pinheiro. O Bar Riviera e o Ponto 4, em frente ao Cine Belas Artes, era um ponto de encontro frequente, assim como o Rei das Batidas e o Bar d’Hugo, perto da entrada da USP.

De outra parte aproximava-se a eleição de novembro e a discussão versava entre voto nulo ou voto no MDB. O voto no MDB era orientação de alguns partidos de esquerda, que tinham mesmo candidatos seus. Acabei votando nos candidatos do PCB. Por conta da censura nem se sabia que o PCB estava sendo caçado pela repressão estatal e o PCdoB sofria o cerco e extermínio na região do Araguaia, onde se pensava estabelecer as bases da guerrilha rural.

O esgotar do convívio na república estudantil em que eu morava na Rua Rodrigues de Guião, fez com que fundasse outra na Rua Pinheiros com alguns dos amigos da anterior e com outros que chegavam de Bragança Paulista. Agora, no 3º ano do curso o centro era a História Contemporânea e decidi finalmente estudar para valer. Fiz todas as disciplinas possíveis do bacharelado e comecei já a fazer as disciplinas de Psicologia da Educação, já da Licenciatura, que era ministrada no prédio da Faculdade de Educação.

Do ponto de vista político, o ano foi bastante movimentado. Participei da articulação de uma chapa para Centro Acadêmico, que poucos sabiam (a polícia sabia) ser organizada pelo PCB e Ação Popular. Preferi não participar da diretoria, pois havia decidido mesmo estudar. Dessa diretoria participou, por exemplo, Sergio Groisman, responsável pelas atividades culturais, o qual muito investiu em shows musicais, entre os quais de Jorge Mautner e de Walter Franco.

No entanto, houve uma onda repressiva na Universidade e muitos colegas acabaram presos. A movimentação para denunciar as prisões foi intensa, pois disso poderia depender a vida de alguns. Anote-se que não fui preso nessa ocasião e nem em outra qualquer. Em outubro ocorreu o assassinato com tortura do jornalista Wladimir Herzog, militante do PCB. Uma campanha de denúncia muito forte foi conduzida pela Igreja e seguida por jornalistas e intelectuais de diversos matizes. A missa ecumênica de 7º dia, na Catedral da Sé, tornou-se um marco. A Igreja ficou lotada, mesmo com a cavalaria cercando o templo. No começo de 1976 foi assassinado o operário Manoel Santo Dias, personagem próximo da Igreja católica. A repercussão foi muito grande e agora ninguém mais poderia duvidar que a tortura contra os resistentes à ditadura era regra cruel e inadmissível.

Ainda em 1975, no segundo semestre, os estudantes da Escola de Comunicações e Artes decidiram fazer uma greve para depor o diretor Manoel Nunes Dias, um historiador português com vínculos com a ditadura fascista de Salazar. O movimento foi vitorioso e deu novo impulso para a reorganização do movimento estudantil, que agora partia para a criação de um organismo central, o Diretório Central dos Estudantes da USP, que traria o nome de Alexandre Vanucchi Leme. Assim, em 1976 se delinearão cinco principais “tendências” entre os estudantes: Refazendo, Caminhando, Liberdade e Luta, Organizar a Luta e Resistência. Fiquei mais próximo de Refazendo, ainda que não militante.

Para 1976, fiz o Vestibular para o curso de Ciências Sociais, onde esperava enfim me encaminhar para os estudos antropológicos. Faltava apenas a disciplina de História Contemporânea da Ásia e África para concluir o bacharelado de História (em três anos e meio) e as disciplinas pedagógicas para concluir a Licenciatura. Com o conjunto das disciplinas do 1º ano das Ciências Sociais, a carga horária em sala de aula ficou bastante pesada. O evento pitoresco do ano ficou por conta da “greve” dos estudantes de Antropologia I pela saída do professor encarregado, “culpado” de não apresentar no programa da disciplina o enfoque marxista da ciência antropológica. Na época era o grupo de professores de Antropologia da PUC a cativar o interesse dos estudantes, dos quais recebemos algumas orientações de leitura. Ao fim fomos todos reprovados e a disciplina foi oferecida novamente no 2º semestre com outro professor.

Mas o fato era que o meu interesse se deslocava rapidamente para a Ciência Política, área que apresentava cursos mais sedutores, ainda que mais difíceis também. Foi quando conheci Perry Anderson e fiz o primeiro contato com Gramsci, lembrando que havia um volume desse autor meio esquecido na minha biblioteca. Certo que a conjuntura política do País estimulava esse deslocamento de interesse. Em abril de 1977, o General Geisel apresentou o chamado “pacote de abril”, no qual dava nova ênfase ao poder autocrático e afrontava o conjunto da oposição, fosse liberal, católica ou marxista. Sentindo-se mais fortes e organizados, além de respaldados pelas forças políticas de oposição, os estudantes ousaram enfrentar as ruas.

Aconteceu então a primeira manifestação pública contra a ditadura naquela década. A manifestação tentou ocupar a Praça da Sé, mas a

presença da polícia obrigou o deslocamento para o Largo São Francisco e depois em direção ao Viaduto do Chá, onde ocorreu o cerco da polícia. Foi quando pela primeira vez fui apresentado às bombas de gás lacrimogêneo. Outras manifestações ocorreram, maiores. Uma delas, por conta do aparato policial montado, fez de todo o centro velho de São Paulo uma área de conflito, com a cavalaria avançando contra os estudantes, a polícia com cães, obrigando-os à dispersão até que se juntavam novamente em grupos menores, mas numerosos, em ruas diversas, com chuva de papel picado que caía dos edifícios. Lembro ainda de uma loja de discos, na esquina da Avenida Ipiranga com a Consolação onde pedi ao proprietário que colocasse ao som máximo o disco acabado de sair de Chico Buarque, *Meus caros amigos* (o que será, que será...).

Nesse ano também ocorreu a invasão da PUC pela polícia, que implicou a prisão de dezenas de pessoas e o ferimento grave de algumas jovens estudantes. Ali se desenrolava o III Encontro Nacional de Estudantes em busca da reorganização da UNE. Eu estava a caminho da PUC, ainda na Rua Cardeal Arco Verde, quando recebi a notícia da invasão.

No segundo semestre, finalmente, consegui notícias de meu irmão, de quem nada sabia desde 1968. O professor Paulo Sergio Pinheiro, da UNICAMP, e que trabalhava na revista IstoÉ de Mino Carta, havia estado com ele em Milão, Itália. Em encontro na sede da revista, fiquei então sabendo que o irmão vivia fazia alguns anos naquela cidade italiana. Feito o devido contato decidi viajar para a Itália, estimulado pela necessidade de acabar com a angústia decenal de minha mãe e também pela curiosidade de (re) conhecer o irmão que havia sido guerrilheiro da ALN, companheiro de Carlos Marighela. Contava também, e muito, a necessidade de viajar, de me afastar do ambiente universitário frustrante, da decepção com o curso de Ciências Sociais. Nesses anos de USP passei bastante tempo em salas de cinema, no pátio do prédio de Geografia e História e no bosque da Biologia.

III

Em 7 de abril de 1978 (aniversário da expulsão de Pedro I do Rio de Janeiro em 1831) parti para Roma ao encontro do irmão. Fiquei hospedado no apartamento de um exilado brasileiro de nome “Fernando”. Num rápido passeio, fomos até o Vaticano para a cerimônia na qual o Papa aparece em determinada janela para abençoar a multidão: era Paulo VI. No dia seguinte seguimos de trem para Milão, onde José Luiz (que ali se chamava “Francisco Correa”) vivia com a companheira italiana Teresa Isemburg.

Cheguei à Itália nos dias de grande tensão política por conta do sequestro do Primeiro Ministro, o deputado pela Democracia Cristã, Aldo Moro, do setor de esquerda católica, por obra das Brigadas Vermelhas. Desde meados de março, quando havia ocorrido o sequestro, todos acompanhavam jornais e TV diuturnamente, sempre em busca de novidades no processo político. Os Carabinieri (a polícia militar da Itália) ocupavam as ruas, assim como o exército encontrava-se em estado de atenção. Cheguei a ser interpelado pela polícia e como estava sem documentos e nem falava italiano, a confusão foi grande.

Aldo Moro foi executado no começo de maio, depois de quase dois meses de cárcere. Recorde-se que a luta armada não era particularidade brasileira. Na verdade a opção pela luta armada era quase generalizada no mundo dos anos 60 e 70, e isso incluía alguns países europeus como Alemanha, Espanha e Itália, esse último em particular. No caso italiano era possível se dar conta da ascensão do movimento operário e do Partido Comunista desde 1969, pelo menos. A resistência fascista e dos católicos conservadores era intensa, porém. Pela esquerda se formaram grupos chamados de extraparlamentares que tinham uma inserção social significativa. Desses grupos emergiram núcleos que enveredaram para a luta armada, tendo sido exatamente as Brigadas Vermelhas o mais conhecido. Importante dizer que esses grupos estavam infiltrados pela polícia e eram manipuláveis, tendo cometido um sem número de erros táticos dentro de uma estratégia inteiramente equivocada.

O PCI, nessa fase, contava com estabelecer uma ampla frente popular nucleada na aliança entre comunistas e católicos, os principais cofundadores da república democrática antifascista em 1945-1946. As forças adversas eram fortíssimas e incluíam fascistas, conservadores católicos, forças liberais, a OTAN e também os grupos de ultrasquerda. A política comunista estava então voltada para a defesa da república democrática e pela concretização de sua Constituição, que indicava ser o trabalho o seu fundamento. O assassinato de Aldo Moro foi um golpe terrível nessa orientação política.

No dia 25 de abril – data comemorativa da libertação da Itália do nazi fascismo – tive ocasião de assistir uma imponente manifestação popular pelas ruas de Milão (repetida em todas as grandes cidades do País). Foi emocionante por demais e essa emoção se repetiu no Primeiro de Maio, quando, de novo, as ruas e praças se encheram de gente e de bandeiras vermelhas, em clara manifestação de repúdio ao fascismo, mas também à ação das Brigadas Vermelhas. (Viva o grande partido comunista de Gramsci, Togliatti, Longo e Berlinguer // Democracia Cristã, não entendeste nada, a classe operaria é classe dirigente).

Essa movimentação toda me instigou a ler jornais, como L'Unità, e revistas, como Rinascita, que expressavam a linha política dos comunistas e que contavam com rica orientação cultural. Gramsci era então um nome em voga e que era lido de modo a legitimar a política do PCI. O interesse pela política e cultura da Itália, pela história do movimento operário e comunista, nasceu nesse momento, não antes, por ser descendente de italianos. Até então o meu interesse estava em saber apenas os nomes e as origens dos antepassados, pela migração.

Em par com esses acontecimentos tomei contato com o grupo de brasileiros e de italianos que dentro da Fondazione Feltrinelli organizava um setor denominado ASMOB - Archivio Storico do Movimento Operário Brasileiro. José Luis Del Roio, Mauricio Martins de Mello (que havia sido assistente de Nelson Werneck Sodré na elaboração da História Nova), Teresa Isenburg, Virgílio Baccalini e outros se ocuparam da recuperação da documentação e da memória histórica do movimento operário brasileiro tendo por núcleo inicial o vasto acervo herdado de Astrojildo Pereira, que fora salvo dos esbirros da ditadura pela ação de Marly Vianna e José

Salles. Depois veio o acervo de Roberto Morena, que estava em Praga, e foi constituído o acervo da resistência à ditadura, entre outros. Ajudei na organização do material, o que só fez aumentar o interesse pelo tema do movimento operário e do movimento comunista. Em 1994 todo esse acervo seria transportado de volta ao Brasil, para o Instituto Astrojildo Pereira, que deixou esse rico material no CEDEM – Centro de Documentação e Pesquisa da Unesp, ao modo de comodato.

Assim, o interesse pelo PCI se vinculou com o interesse pelo PCB e por sua política. Tomei ciência então de que o PCB havia passado por trágicos momentos de repressão, em torno de 1974-1975, frente à ditadura militar e que no exterior havia séria disputa dentro da direção partidária em torno de responsabilidades pela franca derrota dos anos passados e pela orientação política que o partido deveria seguir na luta contra a ditadura e pela instauração da democracia. Até certa medida fascinado pelo PCI e pela figura de Gramsci, a minha tendência foi a de me alinhar com os chamados eurocomunistas ou renovadores do PCB, que se opunham a Prestes.

Passei vários meses a fazer viagens, que sempre tinham Milão como ponto de partida e ponto de chegada. Em todos os lugares os locais obrigatórios de visitas eram Igrejas, museus de arte, museus arqueológicos, graças ao que o meu conhecimento de história antiga e medieval muito se ampliou. Quase sempre me hospedava nos chamados Alberghi della Gioventù, às vezes na casa de brasileiros ou italianos que havia antes feito contato. O dinheiro era curtíssimo, é claro, inda mais sem trabalhar, de maneira que eu dependia dos poucos recursos enviados por meu pai para sustentar a vida de mochileiro.

Seguia as viagens por eixos ou linhas que passavam por círculos concêntricos que saíam de Milão. A ferrovia que passava por Brescia, Verona, Padova e Veneza me viu muitas vezes no trem. Mais curtos os caminhos que fiz em direção a Torino, a Genova, a Pavia, a Bergamo, a Trento, a Como. Outro caminho mais longo foi o que seguiu para Modena, Bologna e Florença. De Florença ainda pude seguir para Arezzo, Assis, Perugia e também para Pisa, Pistoia, Siena e Lucca (de onde veio a família de minha mãe). Em direção ao Sul, estive em Roma e Napoli, Pompeia e Erculano. Em Roma conheci Tullo Vigevani, com quem, muitos anos depois, viria eu a trabalhar na Unesp. Visitei ainda outras cidades pequenas, verdadeiras

joias vindas do passado medieval, quando não de tempo mais progressivo. A ideia permaneceu aquela de visitar igrejas, museus, monumentos, tudo quanto poderia me oferecer de conhecimento histórico.

Enquanto isso, no Brasil, a classe operária do cinturão industrial de São Paulo entrava em cena. A preparação já vinha sendo feita, mas quando a pequena burguesia intelectualizada passou a organizar a oposição à ditadura nas diversas instâncias profissionais, o proletariado percebeu que era também a sua vez de postar as suas reivindicações e demandar o fim da ditadura militar burguesa. Certo que só pude acompanhar o processo político no Brasil à distância e por meio das informações que chegavam.

Tendo conhecido quase todo o Norte e Centro da Itália, em agosto parti para a Inglaterra. Deixava a Itália que se aprontava para enfrentar a crise do Banco Ambrosiano, do Vaticano, cuja falência fraudulenta envolveu a organização criminosa P2, um setor da Igreja e da Democracia Cristã, enfim, o governo e o Estado. Nesse mesmo mês de agosto faleceu o Papa Paulo VI e em seu lugar foi indicado aquele que escolheu o nome de João Paulo I.

Na viagem, parei um dia em Dijon e duas semanas em Paris. Na capital francesa repeti o padrão de visitas a museus (com o óbvio destaque para o Louvre), monumentos e templos. Uma cidade menos religiosa, mais laica, mais política. Fiquei hospedado num bairro de migração turca, chamado Choisi Le Roi, bastante distante do centro histórico. O calor era pavoroso.

Cheguei a Londres ainda em agosto, com mochila nas costas e sem dinheiro no bolso. Entrei no Reino sem problemas e na primeira viagem no metrô passei sem pagar, graças à gentileza da funcionária. Fui direto ao Banco do Brasil a procura de uma moça, cuja indicação me havia sido passada. Gentilíssima, ela me emprestou algum recurso até que chegasse a remessa que meu pai havia se comprometido a enviar. Passei a primeira noite num Youth Hostel, num quarto coletivo de cerca de uma dúzia de pessoas, quase todos vindos da África.

De imediato sai em busca de trabalho em outro Youth Hostel, que fui informado precisava de gente. Apesar de nada ter entendido do que disse o gestor do Hotel, um Senhor de New Castle, fronteira com a Escó-

cia, aceitei de imediato. Trabalharia seis dias por semana, 7 horas ao dia, na limpeza, na arrumação, no restaurante. Tinha cama, refeição e roupa lavada garantida. O dinheiro era pouco, mas dava até para guardar alguma coisa. Esse hotel fica ao lado da Catedral de São Paulo, na Carter Lane e aí trabalhei e morei por três meses (que era o máximo de tempo permitido).

Logo me matriculei numa escola de inglês, que era bastante politizada, mas que tinha o sério inconveniente (naquela circunstância) de estar cheia de italianos, o que me fazia falar mais italiano do que inglês. Mudei então para outra escola, em South Kensington, na qual me dei muito bem. Havia latino-americanos, mas também havia iranianos, turcos e outros. O professor era casado com uma brasileira e, às vezes, falava baixinho, em português, alguma palavra ou expressão.

O tempo livre era pouco e o dinheiro também. Mas nesse tempo restrito desenvolvia uma vida social bem mais intensa do que na Itália, ainda que com outros estrangeiros, incluindo muitos italianos. Festas em residências de um ou de outros, idas a Pubs (caros para os padrões do momento) eram frequentes. Fui a livrarias importantes, visitei a Universidade de Londres, mas Museu de Londres, Galeria Nacional, Museu de História Natural eram destinos costumeiros, quando não ficava flanando nos parques e pela cidade, observando monumentos, palácios e até sítios arqueológicos, principalmente gentes. Fiz contatos com exilados argentinos e chilenos e com livrarias alternativas, que eram de fato um círculo social.

As notícias do mundo eram poucas, mas eu me lembro de quando vi a manchete de jornal dando notícia da morte do papa João Paulo I. Pensei ser notícia velha de jornal velho, mas era mesmo o caminho para a eleição de outro papa, que seria agora o polonês João Paulo II. As suspeitas fortes do envenenamento de João Paulo I se justificam por conta do seu possível interesse em investigar as falcatruas do Banco Ambrosiano e que afetariam a Cúria. O que mais preocupava a imprensa inglesa era o andamento da revolução popular no Irã e o conflito entre China e Vietnam. Do Brasil pouco se sabia, apesar das eleições de 1978 serem de grande importância na luta contra a ditadura.

Tendo terminado o meu contrato de trabalho no Hotel e também o ciclo da escola de inglês, o fim de ano foi instável até em termos de mo-

radia. Ao fim fui parar no hospital, logo depois do Natal, quando vi nevar pela primeira vez. A passagem de ano foi no hospital, com uma tremenda infecção nas amídalas. A médica desejava fazer a cirurgia, mas não permiti. Recebi muitas visitas capazes de me alegrar e de lembrar até hoje. Naquela situação de indefinição, decidi voltar a Milão e trabalhar (sem remuneração) no ASMOB. Ali comecei a imaginar um projeto de pesquisa para eventual mestrado. A organização da Universidade italiana não facilitava para que isso ocorresse por ali mesmo. Deveria ser considerado também que eu não tinha fonte de recursos. Voltei uma vez mais a Londres, que me parecia mais aconchegante, mas não havia outra forma de viver senão com trabalho manual, desde que meu conhecimento da língua era insuficiente e pouco conhecia das Universidades. Fiz mais um período de escola de inglês e de novo voltei à Itália.

Na Itália recebi minha mãe que vinha para o encontro com o filho José Luis, que estava exilado fazia mais de dez anos. Por cerca de um mês levei-a passear por várias cidades italianas que eu havia percorrido antes. Depois do retorno dela ao Brasil, era a vez de eu mesmo preparar o meu retorno. Passados meses de oscilação entre permanecer na Europa ou voltar ao Brasil, predominou a segunda alternativa. Já no Brasil, desde junho, passei a me dedicar à elaboração do projeto de mestrado, já que a opção por concluir o bacharelado em Ciências Sociais estava descartada. Pela legislação da época eu era já bacharel em História e Licenciado em História e Ciências Sociais. A minha sensação de exaustão frente a USP continuava presente e decidi então por tentar o ingresso no IFCH, UNICAMP, a qual tinha a grande vantagem de oferecer bolsa de estudos da CAPES para todos os ingressantes.

O Programa de História estava voltado para duas linhas de pesquisa que não absorviam o projeto que eu pretendia desenvolver. Essas linhas estavam orientadas para a história do escravismo e para a chamada transição para o trabalho assalariado. O Programa de Ciência Política era mais flexível e pode incorporar o meu projeto. De fato, eu pretendia estudar como o grupo dirigente formado em torno de Astrojildo Pereira e Octavio Brandão, no decorrer dos anos 20, fora substituído por outro que se agrupou em torno de Luiz Carlos Prestes. Isso implicava estudar a Internacional Comunista, a construção do stalinismo na URSS, o fascismo, a

crise militar dos anos 20-30, a revolução burguesa no Brasil. O projeto foi aprovado em 1979, mas o Programa só começaria no ano seguinte e meu orientador, apenas no início, seria Paulo Sergio Pinheiro.

Certo que esse projeto estava relacionado com a luta interna que se desenrolava no PCB. Naquele então eu estava convencido de que o futuro possível para o partido passava pela superação da época identificada com o nome de Prestes e que a referencia teórica e prática do partido deveria estar nucleada na democracia em todas as dimensões da vida. A inspiração estava no eurocomunismo italiano e no nome de Gramsci e de Astrojildo Pereira. Nada mais lógico então que eu formalizasse o meu vínculo com o PCB, ainda que andasse por perto desde o colégio.

As lutas sociais continuavam a ganhar fôlego em 1979, com novas greves de massa no ABC e em outros lugares. A luta pela anistia política, depois da vitória eleitoral do MDB, em novembro de 1978, entrava com força na pauta da luta pela democracia. Em agosto de 1979, na véspera da votação da Lei de Anistia proposta pelo General Figueiredo, estive no Rio de Janeiro e participei da bela passeata ocorrida e que levou cerca de 20 mil pessoas às ruas da cidade e à Candelária. Nesse ano de 1979 também se completava o processo de reorganização da UNE, que, com todos os caminhos tortos trilhados pelas esquerdas em 15 anos, voltava com a direção do PCdoB, partido formado por egressos do PCB e da AP.

Em São Paulo, depois da catástrofe de 1974-1975, o PCB se reorganizava a partir de um grupo de médicos formado ao redor de David Capistrano da Costa Filho e dentro da perspectiva que enunciei antes. O livreiro Raul Mateus Castells, que eu conhecia desde o curso de História, decidira-se pela abertura de Livraria e Editora Ciências Humanas, que tinha uma loja na Rua 7 de abril e que produziu a revista Temas de Ciências Humanas. A revista arregimentou um grupo de intelectuais de grande qualidade e de várias idades, como Nelson Werneck Sodré, José Paulo Netto, Carlos Nelson Coutinho, Leandro Konder, Jose Chasin, Celso Frederico, Gildo Marçal Brandão, Armênio Guedes, Marco Aurelio Nogueira e outros. De modo geral, pode ser percebido que a orientação teórica desse grupo de intelectuais oscilava entre a formação inspirada em Gramsci e em Lukács.

Cheguei a fazer a tradução do italiano de um texto de Nicos Poulantzas, que então se postava como um eurocomunista de esquerda, assim como na Itália era Pietro Ingrao. O texto nunca foi estampado, pois a publicação cessou. Eram essas então as minhas referências mais importantes entre os contemporâneos. No final do ano, ainda por iniciativa da revista, foi oferecido um curso de formação nas dependências da Faculdade de Medicina, de excelente qualidade e que discutiu temas como do movimento operário, sindicato, partido, intelectuais, etc. Foi a ocasião para travar contato com muitos daqueles intelectuais acima citados.

Com a anistia retornaram muitos dos exilados, com muita festa e com muita esperança de ulterior fortalecimento da luta popular democrática. Fechavam-se assim os anos 70, mas a luta contra a ditadura militar continuaria por mais um lustro, com muitas batalhas, na rua e dentro do PCB, até o fim decepcionante em 1985, já que a democracia que se esperava jamais se realizou.